

## COMO ERAM FEITOS OUTRORA OS TRABALHOS NO CAMPO

Depois de terminadas as eiras e recolhidas as palhas, os trigos e outros cereais, logo começavam os trabalhos no campo, preparando as terras para as futuras sementeiras. Os lavradores seareiros tinham por uso e tradição trabalharem bem a terra para dela obterem boas colheitas. As tarefas eram quase todas manuais e pachorrentas e empregavam-se nelas muita gente.

As terras semeavam-se intercaladas: um ano de trigo, outro de feno. Nos anos de feno sempre cresciam plantas daninhas, que era preciso desmoitar e arrancar para não prejudicarem as futuras sementeiras do trigo. Além das desmoitas, limpavam-se regueiras, levantavam-se valados e paredes e arranjavam-se os caminhos. Estes últimos trabalhos eram feitos para que, quando viessem as primeiras águas as terras estivessem desobstruídas. Seguia-se o transporte de estrume em carros com taipais, eixos de azincho, rodas maciças, toscas, pesadas e rangidouras. Com esses pesados veículos se acarretavam os estrumes, que iam sendo colocados aos montes encarreirados nas terras destinadas a essa adubação, para mais tarde serem espalhados quando viessem os bois e os arados virar a terra e prepará-la para a sementeira do trigo, trabalhos que se faziam depois de chover, em Novembro e Dezembro.

Era também um pouco antes dessa época que se fazia a apanha da azeitona. Para lavrarem e semearem a terra usavam os seareiros três tipos de arados e duas grades de madeira, toscas e grossas, umas lisas e outras com dentes de ferro espalmado. Serviam estas grades para arrasar e partir torrões nas terras lavradas. Os arados eram também de madeira: os de tipo menor eram destinados a uma junta de bois; os outros, um pouco maiores, a duas; e aos terceiros, ainda de maiores dimensões e com duas rodas maciças de madeira, aí com sessenta centímetros, mais ou menos, de diâmetro, colocadas um pouco à frente do ferrão do sulco, davam-lhe o nome de arados lavêgos ou

lavregos, sendo destinados a terras húmidas e de pouco escoamento e puxavam-nos quatro, cinco ou seis juntas de bois.

Feitos os regos fundos, deitavam a seguir a semente à terra, vindo atrás ranchos de homens estorroadores, cobrindo o trigo e desfazendo os torrões. As ferramentas de estorroar usadas pelos seareiros, uma peça de ferro ou aço, com um cabo comprido feito de um tronco de árvore, que tinha o comprimento de vinte e cinco a trinta centímetros, chamavam-lhe sachões.

A sementeira dos nabos faziam-na quando vinham as primeiras águas e a das favas um pouco antes da dos trigos. Em Março ou Abril semeavam-se os milhos e começavam as mondas dos trigos. Em Maio procedia-se à ceifa dos feno e, para os malharem, costumavam os seareiros apanhar folhas de piteira, que não faltavam pelas beiras dos caminhos, cortavam-nas em tiras e punham-nas a secar ao Sol, das quais faziam atilhos muito resistentes para com eles atarem os molhos de feno. Estes atilhos de folhas de piteira eram também aplicados a outros serviços. Em Junho e Julho ceifavam o trigo, faziam molhos e acarretavam-nos para as eiras, fazendo medas. Enquanto um pessoal ia executando este trabalho, outro ia «fazendo» as eiras.

As eiras eram recintos em circunferência, abertos em lugar desabrigado e onde corresse vento, que vulgarmente ficavam sempre nos mesmos locais, de um ano para o outro. Chamavam «fazer a eira», a limpá-la de plantas e obstáculos que cresciam e se juntavam durante o ano. Depois a eira era regada até a terra ficar bem molhada, espalhando-lhe em cima um pouco de moinha de palha, dando-se, em seguida, entrada a um ou dois rebanhos de ovelhas, que tocadas giravam no círculo, calcando a terra que o Sol e o ar iam secando, assim lhe dando certa rijeza para não se desfazer quando debulhavam o trigo.

A água para gastos na eira ficava sempre longe, acarretando-a os seareiros dentro de pipas que colocavam em cima dos carros de bois. Mas o interessante que havia nisto era que todos os lavradores seareiros, ricos ou pobres, usavam os mesmos processos de transporte de acarretarem as águas para as eiras, conservando este sistema há dezenas e dezenas de anos, talvez há séculos. E iam buscar a água quase a um quilómetro de distância. Mas, além destes costumes tradicionais de acarretarem água, também tinham outros, como o da construção das barracas nas eiras, dando-lhes sempre o mesmo feitio e empregando nelas os mesmos materiais, e também as mesmas esteiras que faziam de funchos. Estas esteiras que empregavam nas barracas e nos abrigos das eiras, tinham também outras aplicações.

Pois estes sistemas de trabalho sempre iguais ainda chegaram aos nossos dias. As barracas das eiras eram simples e económicas, faziam-nas cruzando pelas pontas duas varas de castanho ou de pinho, que levantavam ao alto formando um ângulo. Depois enterravam as duas pontas no chão, com a distância de uma à outra na largura de que queriam fazer a porta, ligando ao mesmo tempo a ponta de uma outra vara mais comprida ao vértice do ângulo, dando o aspecto de um tripé com uma haste longa, cuja ponta inferior também assentava no chão. Fazia esta vara de fileira da barraca, onde colocavam outras varas mais curtas, que assentavam uma ponta no chão e outra na fileira, tudo atado com atilhos de piteira ou corda, formando espinhado. Depois cobriam com as esteiras feitas de funcho, funchos que cresciam pelos valados e à beira dos caminhos. Essas esteiras, de usos muito antigos, que chegaram até à nossa época, serviam também para abrigar as eiras do vento norte quando era demasiado. Depois de assentes as esteiras em cima das varas eram então cobertas com a palha das favas, que chegavam, por vezes, a atingir camadas de trinta centímetros e mais. Com essa altura de palha, bem podiam vir chuvadas abundantes que a água não entrava dentro das barracas. As debulhas começavam-nas pelas favas, por terem necessidade das palhas para cobrirem as barracas e também para que a humidade não enegrecesse as favas.

Seguia-se depois a debulha do trigo, estendendo e abrindo os molhos em volta da eira. Chamavam a esse trabalho fazer o calcadoiro, que era quase sempre feito de manhã, para de tarde se «espalhar», por ser nessa parte do dia que o vento era mais certo. Para cima do calcadoiro entravam os bois e os homens a guiá-los e tocá-los, girando em volta da eira, pisando palhas e espigas, debulhando o trigo. Usava-se também, para debulhar e cortar as palhas, um aparelho feito de madeira, um pouco mais comprido do que largo, tendo por baixo uma série de rolos, igualmente de madeira, com o diâmetro aproximado de dez centímetros e com lâminas de ferro espalmado, de fio rombo, aí com sete ou oito centímetros de comprimento, colocadas em roda dos rolos de madeira, que com o andamento iam rolando e cortando a palha. Davam a esse aparelho o nome de trilha. Sentado em cima do trilha, com os bois atrelados, seguia um homem guiando e cantando aos bois.

Quando terminava o trabalho do calcadoiro, desatrelavam-se os bois e os homens muniam-se de forcados de madeira, começando a «espalhar». Levantavam a palha a uma certa altura, que o vento

separava do grão. Se o vento era demasiado, levantavam as esteiras de funchos, que circundavam um terço da eira, do lado norte.

Havia eiras que tinham pilares de pedra, com a altura de um metro mais ou menos, com uma cavidade no topo onde atravessavam varas para amparo das esteiras de funchos. Noutras arvoravam-se estacas de madeira, com varas a atravessar, e havia seareiros que aproveitavam os espigos das piteiras para essas travessas, por serem resistentes, leves e durarem anos.

Acabado o «espalhagar», se ainda havia espigas por debulhar misturadas com o trigo, passavam essa mistura por uma ciranda grande com o fundo de coiro esburacado e centrada entre varais, para dois homens pegarem, um de cada lado, e com ela meia de trigo e espigas, baloiçando cá e lá, separando o grão das espigas, que iam pondo em monte para serem repisadas e debulhadas.

O trigo, debulhado e limpo, ensacavam-no ou punham-no a um canto da eira, iam repetindo este trabalho, diariamente, até completarem as debulhas.

Os seareiros vendiam, ainda nas eiras, as porções de trigo que os moleiros e padeiros pretendiam comprar e ao restante recolhiam-no em celeiros, dentro de grandes caixas de madeira, onde, de tempos a tempos, lhe davam volta. As palhas eram de igual modo vendidas nas eiras a moleiros e padeiros e a quem delas precisasse, ficando os seareiros com as porções calculadas para os seus gados, sendo levadas para os palheiros em grandes panos e em cima dos carros de bois. Metiam essa palha nos palheiros por uma abertura que havia nos telhados, que depois daqueles cheios se tornava a tapar.

Os trigos criados nos campos desta região da Amadora eram trigos rijos, a que chamavam durázios. Faziam um pão um pouco trigueiro, mas de bom sabor e de alimento, por ser muito oleoso, e a farinha, quando se molhava, deitava um aroma agradável.